

O adulator em Roma

J. A. SÁNCHEZ MARÍN

Universidad de Granada

Abstract: The description of characters has given rise to great interest in all periods and the Classical world has handed down a landmark work on the theme, Theophrastus's *Characters*, where the flatterer doesn't receive such deeply negative and derogatory connotations as one is bound to come across in other Latin authors. We have, as an example, made a brief survey of some Latin literature texts in which the flatterer is differently dealt with: in Terence's *Eunuch*, in several works by Cicero, in Horace's *Epistles* and *The Art of Poetry*, in Livy's work, in Petronius's *Satiricon*, in Seneca's *Epistles* and *Natural Questions*, in Quintilian's *Institutiones* and in Suetonius's *Lives of the Caesars*.

Keywords: Classical Latin Literature; characters; flattery.

Entre os numerosos valores e paradigmas culturais que a civilização latina nos transmitiu nos mais variados âmbitos, públicos ou privados, figura uma rica galeria de personagens humanos que foram objecto de interesse em todas as épocas. Representativos de uma especial actividade ou qualidade em qualquer sentido, muitos deles pela sua frequência nos textos podem ser bastante familiares para nós, dada a relevante transcendência social, e alguns deles foram ou serão tratados neste mesmo espaço.

Entre eles, alguns personagens alcançaram a condição de tipos literários, utilizados, por vezes, pelos autores, como exemplos positivos, ou mais frequentemente, negativos, dissuasores de determinados comportamentos sociais. Os géneros mais próximos, de um ou outro modo, da vida corrente, relacionados com a descrição de costumes ou com a crítica satírica (a comédia, a sátira, o epigrama, o romance, a carta, a fábula) são talvez os mais fecundos na caracterização destes tipos. No entanto, igualmente outras formas literárias mais graves ou sérias nos brindam com retratos semelhantes encaminhados para diferentes objectivos, como pode ser o caso dos géneros maiores, épica ou tragédia, da filosofia, da narração histórica e da biografia, inclusivamente até dos tratados retóricos, dos exercícios e das *controversiae*. A retórica trata,

como se sabe, da modelação e descrição dos caracteres, e converte-os em fonte de consideração da mais variada aplicação.

Perscrutar todo este rico material no sentido apontado pode levar-nos a um percurso bastante interessante e a dados muito surpreendentes. O trabalho que isto implica excede obviamente as nossas pretensões, que se vão limitar nesta exposição a uma visão rápida e a uma amostra do que permitiriam os textos. Mas explicaremos brevemente que interesse motivou a nossa escolha por esta figura do mundo antigo, entre outras que poderiam resultar igualmente atractivas (o parasita, o onzeneiro, o áugur, o novo rico, o delator ou o leno, etc.). Face a outros tipos muito popularizados pelos textos e muito férteis na literatura romana, a caracterização do **adulador** pareceu-nos especialmente atraente por apresentar implicações com aspectos fundamentais da civilização romana que permitem mostrá-la sob uma perspectiva de certa complexidade, que por outro lado pode não ser alheia ao homem moderno e actual, como tentaremos ver.

O interesse e a curiosidade do mundo grego relativos aos caracteres humanos remontam a uma época muito antiga, já que o tratamento e descrição da personalidade gozou de popularidade em todas as épocas da literatura ocidental e suscitou o favor de escritores e público. Neste interesse radicaria a base do retrato literário, do encómio e da biografia.

Contamos com testemunhos antigos da prática da adulação, bem degradante mas com frequência bastante lucrativa para o adulador. Epicarno, poeta cómico siciliano do século VI a.C., alude a uma figura deste tipo¹. O comediógrafo Êupolis escreveu no ano 421 a obra *Os aduladores*, onde descreve os numerosos parasitas que iam comer a casa do rico Cálías, entre os quais destaca Protágoras e Alcibíades, cunhado do dono da casa².

¹ Maria de Fátima Silva, *Teofrasto. Os caracteres*, Introdução, tradução e notas (Lisboa 1999) 84 n. 6: “A popularidade do bajulador reflecte-se em toda a história da comédia: já Epicarno, no séc. VI a.C., alude a uma figura deste tipo... Teofrasto prestou também uma atenção particular a este tipo humano, o que justificou a elaboração de um tratado *Peri kolakeias*”.

² A. Lesky, *Historia de la literatura griega*. Versión española de J. M.^a Díaz Regañón y B. Romero (Madrid 1968) 452-453.

Aristóteles na sua *Ética a Nicómaco* 1108a 26-29 distingue entre os complacentes e os adutores, ambos exageram no esforço de serem amáveis, mas só os segundos o fazem para obter vantagens.

O comediógrafo Menandro também se ocupou deste tipo de carácter na sua obra *Cólax*, que para além de **adulador**, como indica o termo, é um parasita. Este personagem e o militar fanfarrão, que também figurava na obra de Menandro, foram incorporados por Terêncio nas figuras de Gnatão e Trasão, aceitando o latino que eram tipos inteiramente habituais na comédia grega e não na comédia latina como afirmava o comediógrafo Lúscio Lanúvio; o próprio Terêncio nega no Prólogo da sua obra *Eunuco* que existissem esses personagens numa suposta obra intitulada “O adulator”, escrita conjuntamente por Nécio e Plauto, como dizia Lúscio Lanúvio para desprestigiar o nosso autor. Na Cena II do Acto II do *Eunuco*, o personagem Gnatão define-se a si próprio como um adulator inteligente e conta que um conhecido seu, arruinado como ele, quer representar o personagem do simpático para conseguir as dádivas dos poderosos, ao que o próprio Gnatão contesta:

Já lá vai o tempo em que se ganhava a vida com esse tipo de coisas, isso era na geração anterior; hoje há uma nova maneira de armar aos pássaros; e fui eu precisamente que inventei o processo. Há uma classe de homens que querem ser os primeiros em tudo, e não o são; eu ando sempre atrás deles. Não me ligo a eles para que eles se riam de mim, mas sou eu que me rio espontaneamente para eles, e ao mesmo tempo admiro os seus talentos. Tudo o que eles dizem, eu aplaudo; se de seguida dizem o contrário, também o aplaudo; se alguém diz não, eu digo não; se alguém diz sim, eu digo sim. Enfim, impus-me a mim próprio aprovar sempre tudo. Agora, esta profissão é, de longe, a mais produtiva.

...

Quando aquele desgraçado, morto de fome, vê que eu ando coberto de tantas honras e ganho a vida tão facilmente, então começa a suplicar-me para que eu o deixe instruir-se junto de mim; disse-lhe que me seguisse para ver se, tal como as escolas dos filósofos tomam o nome dos próprios fundadores, também é possível que os parasitas de chamem gnatónicos.³

No entanto foi Teofrasto quem, pela primeira vez, deixou sistematizados os trinta caracteres-tipo, descritos de uma forma breve e concisa. Um deles é dedicado ao adulator, como veremos a seguir:

³ Terêncio, *Eunuco*. Introdução, tradução do latim e notas de Aires Pereira do Couto. Lisboa, Edições 70, 1996, 39.

A bajulice define-se como uma prática degradante, mas lucrativa para o adulator. Eis o perfil do bajulador. Durante um passeio, diz ao companheiro: “Estás a reparar como toda a gente olha para ti? É coisa de que, na cidade, ninguém se pode gabar senão tu.” “Ontem, lá no pórtico, passaram-te um elogio. Estavam para cima de trinta pessoas por ali sentadas; e quando se pôs a questão de saber quem era o tipo mais distinto da cidade, foi por ti que todos começaram, para acabarem por voltar outra vez ao teu nome.” E, com outras tiradas do mesmo estilo, arranca-lhe um borboto do casaco, ou tira-lhe dos cabelos qualquer palhita que o vento lá tenha deixado. E a sorrir, vai dizendo: “Estás a ver? Há só dois dias que te não vejo, e a quantidade de brancas que te apareceram na barba. Se bem que se diga que, para a tua idade, tens uma barba bem preta”. Se o parceiro abre a boca para falar, o bajulador manda calar toda a gente; se o outro estiver apenas a ouvir, não lhe poupa elogios; se faz uma pausa, ele vá de aprovar: “Bravo, muito bem!” Um tipo diz uma piada insossa, ele desata às gargalhadas, a tapar a boca com o casaco como se não pudesse conter o riso. A quem quer que se lhe apresente pela frente, manda parar, para dar passagem a Sua Excelência. Compra maçãs e pêras para levar às crianças e dá-lhas diante do pai; a distribuir beijos à garotada, vai comentando: “Quem sai aos seus não degenera”! Se acompanha um fulano ao sapateiro, afirma que o pé dele tem muito melhor proporção que o sapato. Se se vai de visita a um amigo, o bajulador corre à frente a avisar: “Fulano vem aí!”; depois, volta atrás a dizer: “Já fui prevenir.” E naturalmente também não se importa de andar pelas lojas das mulheres a fazer compras, sem sequer tomar fôlego. É o primeiro dos convidados a gabar o vinho e dos presentes a dizer: “Que requinte de refeição!” Depois deita mão a qualquer coisa de cima da mesa e elogia: “E isto aqui?! Petisco de primeira!” Criva um tipo de perguntas: se tem frio, se quer vestir alguma coisa, se quer que lhe ponha um agasalho pelas costas. E meu dito, meu feito, pendura-se-lhe ao ouvido a bichanar segredos; não lhe tira os olhos de cima, enquanto fala com o resto do grupo. No teatro, tira as almofadas da mão do escravo e coloca-as ele mesmo. Elogia a arquitectura de uma casa, o viço dos campos, a fidelidade de um retrato. Em resumo, o bajulador pode ver-se a dizer e a fazer sempre todo o possível para cativar as boas graças⁴.

Se é certo que cada personagem a quem se podem destinar as características que Teofrasto aponta não é susceptível de ser objecto de elogio, também o não é de um vitupério severo, já que

No se trata de sesudas reflexiones o de exquisitas disquisiciones sobre la condición humana en la estricta línea de la investigación aristotélica, sino de una bocanada de humor sano y reconfortante sobre los defectos inherentes a nuestra calidad de seres racionales... que ...acrecienta la capacidad de comprensión y de ternura hacia el prójimo y sus debilidades. No hay una visión inmisericorde de

⁴ Maria de Fátima Silva, op. cit., 51-52.

*nuestros errores ni una actitud punitiva o moralizadora, tan sólo un dibujo hecho con finos trazos y intención caricaturizante*⁵.

Na *Poética* de Aristóteles fala-se sobre a imitação dos caracteres para a elaboração das obras literárias⁶. Como se sabe, Aristóteles concebeu uma vasta programação com vista a recolher e organizar de forma sistemática os conhecimentos adquiridos até então em diferentes campos do saber. A este projecto dedicaram-se, com o melhor do seu esforço, uma série de intelectuais. Cada um teria a seu cargo uma parcela, talvez a mais adequada aos seus próprios gostos ou capacidades pessoais.

Teofrasto, a quem tinha sido encomendada a filosofia natural, partilhou também com o seu mestre profundos interesses literários que viriam a ser muito frutíferos na tradição da escola. Não deixa de ser notória a relação entre *Os caracteres* de Teofrasto e as personagens da comédia de Menandro, que tanto influiria na comédia latina⁷.

Ainda que as personagens plautinas ou as de Terêncio possam apresentar caracteres próximos da concepção de Teofrasto, todavia a adulação chegaria a ser em Roma a maneira mais vil de testemunhar a veneração, como se fazia entre os persas e outros povos orientais⁸. Segundo Suetónio, o futuro imperador Lúcio Vitélio teve um engenho singular para a adulação e

*primus C. Caesarem adorare ut deum instituit, cum reuersus ex Syria non aliter adire ausus esset quam capite uelato circumuertensque se, deinde procubens*⁹.

Existia uma escultura em pedra que representava um adorador efectuando o acto da *adulatio* perante o deus Anubis: este acto físico é designado pelos poetas latinos com expressões como *procumbere*¹⁰ e *pronus adorare*¹¹. A adulação não é senão muito raramente identificável com o acto físico da prostração que alude à cerimónia oriental. Mas o significado que

⁵ E. Ruiz García, *Teofrasto, Caracteres. Alcifrón. Cartas de pescadores, campesinos, parásitos y cortesanas*. Introducción, Traducción y Notas ... (Madrid 1988) 56-58.

⁶ *Po.* 1448a

⁷ E. Ruiz García, op. cit., 13.

⁸ Liv. 9.19 e 30.16.

⁹ Suetónio, *Vit.* 2.

¹⁰ Tib. 1.2.85-86: *Non ego, si merui, dubitem procumbere templis / Et dare sacratis oscula liminibus*,...

¹¹ Iuv. *Sat.* 6.48: *Delicias hominis! Tarpeium limen adora / pronus et auratam Iunoni caede iuencam / ...*

alcança nos textos latinos nem sempre se equipara à benévola e quase compreensiva caricatura de Teofrasto ou dos cómicos.

Ora bem, ‘adulador’ podia expressar-se na Roma clássica mediante uma perífrase ou mediante termos mais ou menos concretos como *blandus*, que em determinados contextos tem o significado de lisonjeiro e também adulador; *asentator*, *adsentator* e *assentator* — encontram-se nos textos estas três grafias — derivam do verbo *assentor*, cujo significado primeiro é adular; *adulator*, deriva do verbo *adulor* e da palavra latina procedem directamente a palavra espanhola e a portuguesa; *mulcator*, deverbal de *mulceo*, designa também o adulador e o lisonjeiro; *derisor* de *derideo* tem vários significados: burlador, burlão, zombeteiro, truão, adulador, pantomimo; e *parasitus* que para Cícero tem uma conotação pejorativa como truão e adulador, enquanto que para Horácio tem um significado positivo: personagem graciosa de comédia.

De seguida, vamos seleccionar alguns exemplos que aparecem na literatura latina sobre a figura do ‘adulador’.

Fazendo-se eco da doutrina caracteriológica difundida pela escola peripatética, Cícero reconhece na figura do adulador um carácter pessoal definido que possui uma descrição característica e se revela num modo de vida e numa actuação determinada. Como seria de esperar, uma caracterização deste género terá consequências não só no que se refere à técnica retórica transmitida a partir de mestre romano, mas também na própria concepção filosófica difundida na sua obra moral. Nos *Topica*, Cícero alude, ainda que de fugida, à figura do adulador:

*Cum autem quid sit quaeritur, notio explicanda est et proprietas et diuisio et partitio. Haec enim sunt definitioni attributa; additur etiam descriptio, quam χαρακτ_ρα Graeci uocant. Notio sic quaeritur: sitne id aequum quod ei qui plus potest utile est. Proprietas sic: in hominemne solum cadat an etiam in beluas aegritudo. Diuisio et eodem pacto partitio sic: triane genera bonorum sint. Descriptio, qualis sit auarus, qualis assentator ceteraque eiusdem generis, in quibus et natura et uita describitur.*¹²

O modo constante de proceder, a actuação habitual emanada de tal carácter, aparece definida essencialmente em Cícero em contraposição à do

¹² Cícero, *Topica*, 83.

amigo. Vemos assim que no *De oratore* 3.117 ao falar da *comparatio* como termo técnico na eloquência, menciona entre outros pares lexicais a de adulator — *adsentator* — perante a de amigo:

*Comparationis autem duo sunt modi: unus, cum idemne sit na aliquid intersit quaeritur; ut metuere et uereri, ut rex et tyrannus, ut adsentator et amicus ...*¹³

Que diferença há entre ambos? A diferença que Cícero pensa existir entre eles torna-se clara em vários textos do tratado *Laelius de amicitia*, no qual expõe amplamente a sua filosofia da amizade, com fundas repercussões tanto na esfera da vida privada como na da vida pública. Escrito em 44 a.C., por um Cícero sexagenário, revela toda a experiência humana e política do autor. Presente em muitos lugares da obra, esta diferença está bem expressa no capítulo 91:

*Vt igitur et monere et moneri proprium est uerae amicitiae et alterum libere facere, non aspere, alterum patienter accipere, non repugnanter, sic habendum est nullam in amicitiiis pestem esse maiorem quam adulationem, blanditiam, adsentationem; quamuis enim multis nominibus est hoc uitium notandum leuium hominum atque fallacium ad uoluntatem loquentium omnia, nihil ad ueritatem.*¹⁴

Os falsos elogios do adulator produzem, em quem se recria na sua própria pessoa e não quer ouvir a verdade, uma complacência que converte o bajulador em algo inteiramente diferente do amigo e os torna irreconciliáveis:

*Ego autem non de uirtute nunc loquor, sed de uirtutis opinione. Virtute enim ipsa non tam multi praediti esse quam uideri uolunt. Hos delectat adsentatio, his fictus ad ipsorum uoluntatem sermo cum adhibetur, orationem illam uanam testimonium esse laudum suarum putant. Nulla est igitur haec amicitia, cum alter uerum audire non uult, alter ad mentiendum paratus est. Nec parasitorum in comoediis adsentatio faceta nobis uideretur, nisi essent milites gloriosi*¹⁵.

Torna-se evidente, neste último texto de Cícero, que o adulator actua quando há alguém disposto a ouvi-lo. O ‘soldado fanfarrão’, como Cícero exemplifica com um verso, é o Trasão do *Eunuco* que é todo ouvidos para o seu Gnatão, o parasita adulator. É que o adulator troca realmente daquele a quem lisonjeia. Perante a franqueza da amizade encontra-se, no extremo

¹³ Cícero, *De oratore*, 3.117.

¹⁴ Cícero, *Laelius*, 91.

¹⁵ Cícero, *Laelius*, 98.

oposto, a troça do *adsentator*, até onde se quer aceitá-la. Em Horácio aparece a troça a par de uma outra característica do adulator:

*Vt matrona meretrici dispar erit atque
discolor, infido scurrae distabit amicus.
Est huic diuersum uitio uitium prope maius,
asperitas agrestis et inconcinna grauisque,
quae se commendat tonsa cute, dentibus atris,
dum uolt libertas dici mera ueraque uirtus.
Virtus est medium uitiorum et utrimque reductum.
Alter in obsequium plus aequo pronus et imi
derisor lecti sic nutum diuitis horret,
sic iterat uoces et uerba cadentia tollit,
ut puerum saeuo credas dictata magistro
reddere...*¹⁶

O adulator procura sempre o lucro, disposto a despojar o rico patrono do que pode a troço dos seus elogios. O texto seguinte, que destaca tanto a procura de lucros como a troça ou escárnio que se faz do aliciado, apresenta uma aplicação especial do ofício:

*Vt praeco, ad merces turbam qui cogit emendas,
adsentatores iubet ad lucrum ire poeta
diues agris, diues positus in fenore nummis.
Si uero est, unctum qui recte ponere possit
et spondere leui pro paupere et eripere artis
litibus implicitum, mirabor, si sciet inter
noscere mendacem uerumque beatus amicum.
Tu seu donaris seu quid donare uoles cui,
nolito ad uersus tibi factos ducere plenum
laetitiae; clamabit enim 'pulchre, bene, recte',
pallescet, super his etiam stillabit amicis
ex oculis rorem, saliet, tundet pede terram.
Vt, qui conducti plorant in funere, dicunt
et faciunt prope plura dolentibus ex animo, sic
derisor uero plus laudatore mouetur.*¹⁷

Horácio aconselha o poeta a não oferecer o seu poema à adulação dos falsos críticos, que darão rédea solta a um fingido entusiasmo sem ajudar o autor com a correcção adequada; é preferível a crítica veraz do amigo sincero que fará com que o poeta emende os seus versos quando for necessário. No texto que apresentamos a seguir também Petrónio menciona o prémio que a vileza do *adulator* obtém: festins e vestidos caros são um lucro comparável aos

¹⁶ Horácio, *Epistulae*, 1.18. 3-14.

¹⁷ Horácio, *Ars*, 418-342.

benefícios que se obtêm com outras actividades arriscadas e lucrativas, como o comerciante nas suas viagens, o militar vitorioso ou o sedutor de esposas ricas:

*qui pelago credit, magno se faenore tollit; qui pugnas et castra petit, praecingitur auro; uilis adulator picto iacet ebrius ostro, et qui sollicitat nuptas, ad praemia peccat*¹⁸.

Parasitismo, adulação e troça, voltam a aparecer juntos, num curioso jogo de palavras, na descrição de uma personagem numa carta de Séneca, o Filósofo:

*... Satellius Quadratus, stultorum diuitum adrosor et, quod sequitur, adrisor, et, quod duobus his adiunctum est, derisor...*¹⁹

A adulação é um vício detestável e perigoso; e contra os seus praticantes é necessário alertar o amigo, como faz com frequência Séneca com Lucílio, como vimos na carta anterior. Também no prefácio do livro 4 das *Questões Naturais*, onde dá saudáveis conselhos ao amigo que desempenha o cargo de governador da Sicília, previne-o especialmente, e de forma completa, de ceder à adulação:

*Fac ergo, mi Lucili, quod facere consuesti; a turba te, quantum potes, separa, ne adulatoribus latus praebeas. Artifices sunt ad captandos superiores; par illis, etiamsi bene caueris, non eris. Sed, mihi crede, proditori, si capieris, ipse te trades. Habent hoc in se naturale blanditiae: etiam cum reiciuntur placent. Saepe exclusae nouissime recipiuntur; ... Incredibile est quod dicturus sum, sed tamen uerum: ea maxime quisque patet, qua petitur. Fortasse enim ideo, quia patet, petitur. Sic ergo formare ut scias non posse te consequi ut sis impenetrabilis; cum omnia caueris, per ornamenta f[er]ieris. Alius adulatione clam utetur, parce; alius ex aperto, palam, rusticitate simulata, quasi simplicitas illa, non ars sit. Plancus, artifex ante Villeium maximus, aiebat non esse occulte nec ex dissimulato blandiendum. 'Perit, inquit, procari, si latet.' Plurimum adulator, cum deprehensus est, proficit; plus etiam nunc, si obiurgatus est, si erubuit. Futuros multos in persona tua Plancos cogita, et hoc non esse remedium tanti mali, nolle laudari. ... Quo apertior est adulatio, quo improbius, quo magis frontem suam perfricuit, cecidit alienam, hoc citius expugnat. Eo enim iam dementiae uenimus ut qui parce adulatur pro maligno sit*²⁰.

¹⁸ Petrónio, *Satyricon*, 83.10.

¹⁹ Séneca, *Epistulae*, 27.7.

²⁰ Séneca, *Quaestiones Naturales*, 4.praef..

Estas advertências contra o adulator insistem na rejeição imediata do elogio e uma negação decidida a ‘deixar-se apanhar’ — *si capieris*. Não é difícil identificar a adulação, porque actua muitas vezes abertamente, como se constata no texto. O maior perigo está em ceder-lhe, porque os recursos do adulator, quando este entra em acção, são muito eficazes. A sua principal arma é a palavra que capta e seduz, uma persuasão que atinge o seu objectivo. Quando Quintiliano inicia a definição da arte retórica e da sua finalidade, rejeitando a definição de Teodectes, cuja obra *Retórica* alguns atribuem ao próprio Aristóteles, precisa:

*Sed ne hoc [ducere homines dicendo in id quod actor uelit] quidem satis est comprehensum: persuadent enim dicendo uel ducunt in id quod uolunt alii quoque, ut meretrices adultores corruptores. At contra non persuadet semper orator ...*²¹

Os profissionais da Retórica, como Quintiliano, conhecem bem a arte deste astuto competidor. A palavra persuasiva do adulator tem em conta sobretudo aquilo que agrada a quem lhe presta atenção. É o que afirma o retor Agamémnon, no início do *Satyricon* de Petrónio, quando explica ao jovem Encólpio os segredos da sua própria técnica:

*Nam nisi dixerint quae adulescentuli probent, ut ait Cicero, “soli in scholis relinquuntur”. Sicut ficti adultores cum cenas diuitum captant nihil prius meditantur quam id quod putant gratissimum auditoribus fore ... Sic eloquentiae magister, nisi tamquam piscator eam imposuerit hamis escam, quam scierit appetituros esse pisciculos, sine spe praedae moratur in scopulo*²².

A técnica do adulator, de efeitos garantidos, encontra-se ao serviço da falsidade; os seus elogios ultrapassam toda a credibilidade tornando irrisória a personagem a quem se dirigem. É a falsidade ávida de lucros que se opõe a um elogio veraz, que seria legítimo e não reprovável moralmente. O final de um texto da *Arte Poética* de Horácio que já referimos²³ ilustra a diferença que se estabelece entre o elogio trocista do adulator e a *laudatio* tolerável e sincera. A utilização do *genus demonstrativum* para a história, magistralmente exposta por Cícero no *Orator*, ou para a biografia ou o panegírico, contemplava a regulamentação do *officium laudativum* ao serviço da caracterização de uma

²¹ Quintiliano, 2.15.11.

²² Petrónio, *Satyricon*, 3.2 e seguintes.

²³ Cf. supra *Ars*, 418-342.

personagem, das suas virtudes e dos seus feitos. Mas o procedimento contava com limitações técnicas e morais que são repetidamente referidas pelos autores para evitar o exagero encomiástico que se chegou a verificar profusamente em algumas obras. O texto seguinte de Suetónio demonstra que a história panegirista chegou a identificar-se com a própria adulação:

*Vitelliorum originem alii aliam et quidem diuersissimam tradunt, partim ueterem et nobilem, partim uero nouam et obscuram atque etiam sordidam; quod ego per adultores obtrectatoresque imperatoris Vitelli euenisse opinarer, nisi aliquanto prius de familiae condicione uariatum esset*²⁴.

Mas os efeitos da adulação tornam-se especialmente terríveis para os romanos quando se exercem não em indivíduos isolados mas colectivamente sobre os cidadãos, para lhes induzir determinada conduta, que normalmente é reprovada por quem denuncia o adulator. Uma interpretação política, não pouco frequente, no sentido de uma intolerável condescendência demagógica, está patente num texto do *Laelius siue de amicitia*, quando Cícero, em tom de exemplo, critica a adulação de Papírio ao povo, na altura da promulgação da lei da reeleição indefinida dos tribunos da plebe:

*Secerni autem blandus amicus a uero et internosci tam potest adhibita diligentia quam omnia fucata et simulata a sinceris atque ueris. Contio, quae ex imperitissimis constat, tamen iudicare solet, quid intersit inter popularem, id est adstantem et leuem ciuem, et inter constantem, seuerum et grauem. Quibus blanditiis C. Papirius nuper influebat in auris contionis, cum ferret legem de tribunis plebis reficiendis! Dissuasimus nos; sed nihil de me, de Scipione dicam lubentius. Quanta illa, di immortales, fuit grauitas, quanta in oratione maiestas! ut facile duces populi Romani, non comitem diceres. Sed adfuitis, et est in manibus oratio. Itaque lex popularis suffragiis populi repudiata est*²⁵.

Trata-se de uma leitura feita por um membro da classe senatorial, favorável à política aristocrática, das medidas que beneficiavam os populares. No entanto, nem sempre se tornam tão evidentes as razões políticas, que levam a acusar de adulação determinado proceder que não responde aos interesses promovidos pelo autor. Ainda que sejam tão patrióticos como os de Tito Lívio:

Macedonas atque Illyrios, ut omnibus gentibus appareret arma populi Romani non liberis seruitutem, sed contra seruiantibus libertatem adferre, ... denique ne, si

²⁴ Suetónio, *Vit.* 1.

²⁵ Cícero, *Laelius*, 95-96.

*commune concilium gentis esset, improbus uulgi adsentator aliquando libertatem salubri moderatione datam ad licentiam pestilentem traheret, in quattuor regiones describi Macedoniam, ut suum quaeque concilium haberet...*²⁶

Partidário incondicional da política de Tibério, Veleio Patérculo, que escreve as suas *Historiae* entre Lívio e Tácito, para expressar a sua devoção ao imperador, utiliza contudo como arma de arremesso a acusação de adulação para denegrir a atitude de um partidário de César:

*Inter hunc apparatus belli, Plancus, non iudicio recta legendi neque amore rei publicae aut Caesaris, quippe haec semper impugnabat, sed morbo proditor, cum fuisset humillimus adsentator reginae et infra seruos cliens, cum Antonii librarius, ...*²⁷

Nos termos latinos, *humillimus assentator* e nos detalhes que se inferem da sua conduta, encontramos o eco da prostração ritual, à maneira oriental, para sugerir a vileza da personagem.

Vimos, ao longo do nosso artigo, como filosofia moral, caracterização literária e interesses históricos colaboraram para caracterizar a pessoa do adulator em Roma, mostrando-o em facetas muito variadas, ainda que sempre negativas, algumas das quais tivemos oportunidade de apresentar.

²⁶ Lívio, 45.18.6.

²⁷ *Hist.*, 2.83.1.

* * * * *

Resumo: A descrição de personagens tem originado um grande interesse em todas as épocas e o mundo clássico transmitiu-nos uma obra muito significativa a este respeito, *Os caracteres* de Teofrasto, onde surge a figura do adador sem conotações tão claramente negativas e pejorativas como acontece nos autores em língua latina. A título de exemplo, fez-se uma breve passagem por alguns textos da literatura latina em que aparece o adador com diferentes matizes: em *O Eunuco* de Terêncio, em várias obras de Cícero, nas *Epístolas* e na *Arte poética* de Horácio, na obra de Tito Lívio, no *Satiricon* de Petrónio, nas *Epístolas* e nas *Questões Naturais* de Séneca, nas *Institutiones* de Quintiliano e nas *Vidas dos doze Césares* de Suetónio..

Palavras-chave: literatura latina clássica; caracteres; adulação.

Resumen: La descripción de personajes ha producido un gran interés en todas las épocas, y el mundo clásico nos ha transmitido una obra muy significativa a este respecto, Sobre los caracteres de Teofrasto, donde presenta la figura del adador sin connotaciones tan claramente negativas y peyorativas como lo hacen los autores en lengua latina. A modo de ejemplo hemos hecho un somero recorrido por algunos pasajes de la literatura romana, en los que aparece el adador con diferentes matizaciones: en el Eunuco de Terencio, en varias obras de Cicerón, en las Epístolas y el Arte poética de Horacio, en los Anales de Tito Livio, Satiricón de Petronio, Epístolas y Cuestiones naturales de Séneca, en las Instituciones de Quintiliano, y en las Vidas de los doce césares de Suetonio.

Palabras clave: literatura latina clásica; caracteres; adulación.

Résumé: La description des personnages a toujours soulevé un intérêt certain au long des temps et le monde classique nous a transmis une œuvre très importante à ce sujet, *Les caractères* de Théophraste, où surgit la figure de l'adulateur, dépourvue des connotations négatives et péjoratives des autres auteurs de langue latine. Ainsi, à titre d'exemple, nous avons brièvement parcouru certains textes de la littérature latine où l'adulateur apparaît sous des traits différents : dans *L'Eunuque* de Térence, dans plusieurs œuvres de Cicerón, dans les *Epîtres* et *l'Art poétique* d'Horace, dans l'œuvre de Tite-Live, dans le *Satiricon* de Pétrone, dans les *Epîtres* et les *Questions Naturelles* de Sénèque, dans les *Institutions* de Quintilien et dans les *Vies des douze Césars* de Suétone.

Mots-clé: littérature latine classique; caractères; adulation.